

REPORTAGEM ESPECIAL

35 MIL PESSOAS REFÊNS DA INSEGURANÇA

Escolas e postos não abriam; ônibus não circularam nos bairros

GLACIERI CARRARETTO
gcarrareto@redegazeta.com.br

Um dia após a morte de um adolescente em confronto com a polícia e os atos de protesto e vandalismo, a sensação do medo ainda era forte pelas ruas do Bairro da Penha, em Vitória, e das comunidades ao redor.

Escolas e postos de saúde mantiveram as portas fechadas em seis bairros: São Benedito, Bonfim, Bairro da Penha, Itararé, Gurigica e Consolação, e em mais dois bairros vizinhos, Jaburu e Maruípe, que também foram afetados.

A situação de medo e insegurança atinge uma população de cerca de 35 mil pessoas, número de habitantes da área, segundo o último censo do IBGE. Ontem, a reportagem percorreu cinco bairros e as cenas se repetiam: pais voltando para casa com os filhos uniformizados pois encontraram escolas sem aulas. Pacientes revoltados por verem a tão esperada consulta marcada não acontecer, já que o posto de saúde estava fechado.

“A consulta para o meu filho estava marcada há três meses. Saí do meu trabalho em Balneário Carapebus, na Serra, para buscá-lo na escola em outro bairro e levá-lo ao pediatra. É revoltante”, desabafou o construtor Antônio Souza Rodrigues, 54, após encontrar cadeados no portão da Unidade de Saúde da Família de Itararé.

O transporte coletivo também foi modificado. Sete linhas de ônibus que atendiam aos bairros da Penha, Jaburu, Itararé, Bonfim e São Benedito, tiveram o itinerário alterado ou pararam de circular por dois dias.

SEM AULAS

As escolas também não tiveram vez. No bairro Consolação, o Colégio Profes-

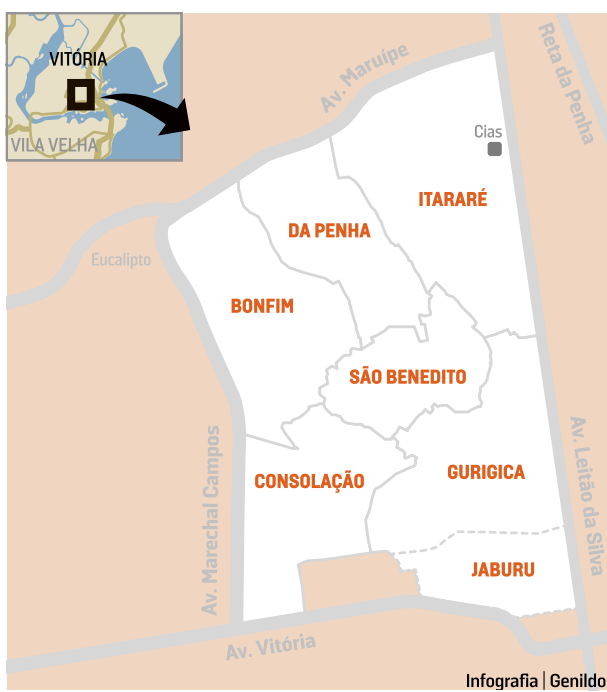


Viatura da Rotam reforça policiamento em Itararé, onde posto de saúde ficou fechado. Cartaz no portão de escola avisa sobre aulas suspensas

FOTOS: FERNANDO MADEIRA



REGIÃO DO MEDO



sor João Bandeira também não recebeu os alunos. Somente o vigilante permanecia na unidade de ensino, na tarde de ontem. “Meu irmão não teve aula pela manhã, e nem eu à tarde. Isso nos prejudica”, contou a estudante da 7ª série, Iara Rodrigues, 14 anos.

O mesmo aconteceu em outras seis escolas em que a reportagem esteve. Na porta, os cartazes explicavam da mesma forma o motivo da suspensão das aulas: a insegurança.

A unidade da Ufes em Maruípe também foi tomada pelo medo. Profes-

sos e servidores estiveram nos prédios até o meio-dia, mas depois quem chegava ao campus era obrigado a voltar.

“Sou servidora do Hucam e vim assistir a uma palestra, mas estava tudo fechado. Sei que é o receio dos protestos e o medo de ataques, como o carro queimado na Marechal Campos”, lembrou a técnica em enfermagem Maria Aparecida Alves de Souza.

Pelas ruas, pouco movimento de moradores, apesar do comércio permanecer funcionando. “O movimento está bem fraco, parece que as pessoas estão evitando sair de casa. Hoje, as vendas não pagam nem o dia do funcionário”, disse um comerciante sem se identificar em Gurigica.

O posto de saúde de Maruípe, o único que ainda mantinha as portas abertas, também foi alvo da ordem de criminosos. “Por volta das 13h30, recebemos uma ligação afirmando que colocariam fogo no posto se não fechássemos as portas. Houve muita correria”, detalhou um funcionário.

O QUE FECHOU

ESCOLAS

O fechamento de escolas aconteceu em dois bairros da região ocupada:

▼ SÃO BENEDITO

Emef Paulo Roberto Vieira Gomes teve as atividades suspensas na terça-feira e ontem.

▼ Itararé

Aulas suspensas nos dois dias:

- Cmei Theodoro Faé
- Cmei Rubens Duarte de Albuquerque
- Cmei Santa Rita de Cássia Emef Ceciliano Abel de Almeida
- Emef Otto Ewald Junio

UNIDADES DE SAÚDE

Três bairros com mudanças nas unidades de saúde:

▼ Consolação

Por medidas de segurança, a Secretaria Municipal de Saúde e a Polícia Militar decidiram não abrir a unidade do bairro ontem.

▼ Bairro da Penha

Foi fechada após às 12h.

▼ Itararé

Funcionou de manhã, mas foi fechada na parte da tarde.

Prejuízo: As três unidades atendem moradores dos bairros Consolação, Gurigica, Jaburu, Horto, Floresta, São Benedito, Bairro da Penha e Itararé.

ÔNIBUS

Sete linhas de coletivos mudaram os itinerários

▼ LINHAS alteradas

172: Mário Cypreste/Itararé
031 A: São Benedito/Morro do Pinto
031 B: São Benedito/Ilha do Príncipe
074: São Cristóvão/Bairro da Penha
073: Tabuazeiro/S. Vitória
182: Mário Cypreste/Bairro da Penha
204: Mário Cypreste/Jaburu
Mudanças: As linhas não circularam nos dois dias por dentro dos bairros da Penha, Bonfim, São Benedito e Jaburu.

REPORTAGEM ESPECIAL

CARLOS ALBERTO SILVA



Lojas da Avenida Leitão da Silva ficaram fechadas por medo de que a violência ocorrida no dia anterior se repetisse

UMA AVENIDA DESERTA

Cientes evitam a Leitão da Silva, e comércio tem dia de marasmo

/// KATILAINE CHAGAS
kchagas@redgazeta.com.br

Alguns comerciantes ainda tentaram. Abriam suas lojas e aguardaram a chegada dos clientes. Mas, já no início da tarde de ontem, viram que não tinha muito jeito. Era fechar as portas e torcer para que o dia seguinte fosse mais produtivo. A movimentação naturalmente intensa da Avenida Leitão da Silva deu lugar ontem a uma via esvaziada pelo medo de que a violência encenada no dia anterior se repetisse.

Em protesto pela morte de Wedeson de Souza Pereira, de 16 anos, homens invadiram a Leitão da Silva na manhã de terça-feira

POLICIAMENTO

“Só estamos trabalhando porque tem viatura da polícia aqui. Senão, nem estava com isso aberto”

COMERCIANTE

e causaram destruição usando materiais da obra que acontece na via. Imagens de videomonitoramento local mostraram o pânico de motoristas, ciclistas e pedestres, que tentavam fugir da confusão. Um novo episódio aconteceu no início da tarde de terça, quando um

ECONOMIA

“Isso é reflexo de uma situação do país. Crise, menos empregos. Com certeza, vai haver mais demissões”

COMERCIANTE

grupo de homens atacou as equipes da TV Gazeta e da TV Vitória.

SEM CLIENTES

Na tarde de ontem, A GAZETA esteve na avenida. Algumas lojas estavam abertas, mas os clientes não apareciam.

Outras lojas permane-

EXPECTATIVA

“Passa cliente, mas é pouco. Mas parece que hoje (ontem) está mais tenso porque ficam na expectativa de que vai acontecer de novo”

COMERCIANTE

ceram com as portas fechadas. Viaturas policiais estavam posicionadas ao longo da avenida.

“Está notório que quem passa aqui rotineiramente não está passando hoje (ontem). Não é parado assim como vocês estão vendo”, lamentou um comerciante.

Alguns lojistas relatavam o receio de novas invasões na avenida. Outros reclamavam da onda de boataria que dava conta de que mais ataques viriam. “Chegam boatos de que vão descer de novo. Toda hora chega uma mensagem”, relatou um lojista. “Fica um telefone sem fio. Isso vai se replicando e virando verdade”, lamentou outro.

Um comerciante antigo da avenida lamentou a impotência diante da violência e apontou que a ação de terça foi uma demonstração de força. “Os caras (bandidos) estão pegando força aqui. O ideal seria a gente não fechar as portas. Mas a arma que a gente tem para se defender é fe-

char”, analisa o lojista.

Não é de hoje, na verdade há quase três anos que lojistas reclamam de prejuízos e queda de clientela decorrente da interminável obra que ocorre na avenida. “A própria Leitão da Silva já me dá prejuízos. Do ano passado para cá, tive queda de 40% da receita. Tem gente que teve mais”, afirmou um comerciante.

Por medo, escolas e postos de saúde também fecharam não só na Leitão da Silva, mas em pelo menos sete outros bairros.

Diante da violência, fica o questionamento de um dos comerciantes: “Até quando vamos conviver com esse medo?”.

FERNANDO MADEIRA



Sem creche

A doméstica Antônia Rocha, 57, teve que buscar o neto de 3 anos na creche, no Bonfim.

“A escola ligou pedindo pra buscá-lo para evitar riscos”

—
ANTÔNIA ROCHA
DOMÉSTICA, 57 ANOS

FERNANDO MADEIRA



Sem consulta

O construtor Antônio Souza, 54, saiu do trabalho na Serra para levar o filho ao pediatra.

“Ficamos três meses esperando por essa consulta. Tá difícil”

—
ANTÔNIO SOUZA
CONSTRUTOR, 54 ANOS

FERNANDO MADEIRA



Sem laboratório

Estudante de doutorado na Ufes, Divanei Zaniqueli, 43, teve que voltar para casa.

“Encontrei o laboratório fechado por causa dessa situação de insegurança”

—
DIVANEI ZANIQUEL,
ESTUDANTE DE DOUTORADO, 43

REPORTAGEM ESPECIAL

POLÍCIA À PROCURA DE AUTORES DE ATAQUES

Serviço de inteligência da PM trabalha na região ocupada para inibir novos movimentos

/// IARA DINIZ
idiniz@redgazeta.com.br

Um dia após ocupar a região do Bairro da Penha, a polícia agora procura identificar os responsáveis pelos ataques de vandalismo da última terça-feira. Equipes do serviço de inteligência da Polícia Militar trabalham no bairro coletando informações e inibindo novos movimentos.

“Ontem realizamos uma ação de prevenção, para reprimir as práticas no local. Agora o processo é de investigação. Começamos a coletar materiais e imagens para identificar as lideranças dos movimentos e punir os responsáveis”, disse o secretário de Segurança Pública, André Garcia.

De acordo com o balanço divulgado pela Secretaria

de Segurança Pública (Sesp), dez pessoas foram presas suspeitas de envolvimento nos ataques ocorridos nas avenidas Leitão da Silva e Marechal Campos, e no Bairro da Penha, em Vitória.

O efetivo da polícia continua reforçado nos bairros, com apoio de militares de batalhões especializados. Garcia afirmou que a polícia não tem prazo para sair e garantiu que a situação está sob controle.

“Estamos presentes lá com força, com um número de policiais acima do previsto. Vamos manter a ordem pública e evitar reflexos nas vias próximas”, comentou.

BOATOS

Conflitos ou prisões

não foram registrados no dia de ontem na região ocupada pela polícia.

O subcomandante da Polícia Militar, coronel Ilton Borges, disse que a situação caminha para a normalizada e os moradores têm segurança nas ruas, bem como para retomar atividades nas escolas e em unidades de saúde.

Apesar disso, o secretário de Segurança alertou para boatos que têm deixado moradores e comerciantes inseguros e prejudicado o trabalho da polícia.

“A nossa preocupação é com histórias mentirosas, de uma situação que não acontece no local. Estamos garantindo a segurança na região e tudo corre dentro da normalidade”, finalizou Garcia.

ANÁLISE

“Tem que ter política de segurança”

“A polícia tem diversos tipos de abordagem. Nenhum caso é igual ao outro. Tem que ter estratégia para não se ferir e não ferir outros. Por isso tem que ter treinamento constante. O que não pode é entrar em debate com a população, pois ou ela pode estar constrangida pelos criminosos ou serem simpatizantes de

alguns traficantes porque são ‘legais’, pagam algum remédio, ajudam de alguma forma. O tiro não é considerado a última opção, mas a falta dela. O policial não é treinado para dar tiro no pé. Nenhuma empresa de vigilância vai dar essa orientação. Você é treinado para atirar no peito, que é uma área maior e com

menos chances de errar e acertar um inocente. De qualquer forma, a população acha que a solução da segurança é polícia, que na verdade ataca a consequência. Mas, antes de mais nada, tem que ter política de segurança pública, envolvendo educação, saúde, lazer, geração de emprego.”

—
ALEXANDRE DOMINGOS
ESPECIALISTA EM SEGURANÇA
PÚBLICA E PRIVADA



O efetivo da polícia continua reforçado em Itararé e nos outros bairros ocupados

Agliison Lopes

é editor executivo digital

Entre a escola e o presídio, a cruz

A principal imagem que estampa a página na rede social do adolescente Wedeson Souza, morto na terça-feira, dia 25, durante uma perseguição policial no Bairro da Penha, em Vitória, é cercada de um simbolismo no mínimo intrigante.

No desenho, um jovem deve optar por um caminho. De um lado, a escola. De outro o presídio. Pessoas oferecem caderno, lápis e mochila de um lado; arma, faca e granada de outro.

O julgamento no tribunal das redes sociais foi rápido: Wedeson foi tratado como bandido baleado, antes mesmo que qualquer investigação tenha sido concluída, qualquer sentença oficial tenha sido expedida.

A pergunta que talvez muitos de nós não faremos por conta da pressa do dia-a-dia é: quem será que ofereceu os melhores argumentos para que o jovem optasse por algum caminho? O crime ou a “vida de bem”?

Talvez ele, Wedeson, ainda estivesse ali na encruzilhada, parado, tendo de tomar uma decisão. Um garoto de 16 anos convivendo entre a vida de menino estereotipado como pobre-negro-do morro e o assédio da criminalidade – muitas vezes com suas ofertas de status local e dinheiro fácil.

Talvez ele não tenha tido tempo para tomar a decisão. Caiu ali mesmo, no meio do caminho, na cruz. A mãe conta que ele havia dado um abraço no irmão e saído para comprar pão. A polícia diz que ele entrou em confronto com um policial e foi baleado. Ele já havia se

envolvido em confusões com a polícia, fato. Mas só as investigações poderão trazer algo mais concreto além do discurso comum da internet.

Mas é bom saber: nas periferias existem multidões de Wedeson e suas encruzilhadas.

Não cabe a nós julgá-los, dizer que a escolha pelo caminho é deles somente. Tampouco que, ao escolher o lado errado, vão arcar com as consequências sozinhos.

Esse é o lado fácil do pensamento. Mas no morro não existe meritocracia. Não como conhecemos no mundo corporativo. O caminho é tortuoso. A vida é confusa. Escolher a

escola, por exemplo, não quer dizer que serão bem-sucedidos.

É certo que devemos parar mais para pensar na vida de garotos assim. Não esquecer que ainda amargamos, por exemplo, o título de um dos piores Estados para um jovem negro viver, já que, de dez homicídios, oito foram de negros, segundo o

Mapa da Violência. A maioria dessas mortes envolve jovens. O ciclo de violência que margeia o tema ainda está longe de terminar. A pergunta é: como fortalecer o lado bom desse caminho a ser escolhido? Como convencer positivamente garotos que já crescem sabendo que, se nada der certo, vão virar bandidos? Wedeson colocou essa ilustração em sua timeline talvez para mostrar aos outros que há uma dúvida e uma decisão a ser tomada. Mas a decisão não é só dele. Essa é a única conclusão que podemos chegar no momento.



A imagem que estampa a página do adolescente morto em Vitória revela um intrigante dilema

REPORTAGEM ESPECIAL



FOTOS: BERNARDO COUTINHO

O cortejo que levou o corpo de Wedeson saiu a pé do Bairro da Penha, com cartazes de protesto; emoção marcou o momento do enterro do adolescente

PROTESTO EM AVENIDA E COMOÇÃO EM DESPEDIDA

Parentes e amigos de adolescente morto protestaram em cortejo

RUHANI MAIA
ruhani.maia@redgazeta.com.br

O enterro do jovem Wedeson de Souza Pereira, de 16 anos, foi marcado pela revolta e tristeza de familiares e amigos da comunidade do Bairro da Penha, Vitória, onde ele morava.

A cerimônia ocorreu no final da manhã de ontem, no Cemitério de Maruípe. Em meio a lágrimas, a família do jovem afirmou que vai lutar por justiça.

O corpo de Wedeson começou a ser velado por volta das 21h30 de terça-feira, na garagem de uma casa de um amigo da família.

Às 10h20 de ontem, eles saíram do bairro e seguiram para o cemitério, mas, no caminho, pararam para fazer a oração do pai-nosso na frente do Quartel do Comando Geral (QCG) da Polícia Militar, em Maruípe.

A caminhada do Bairro da Penha até Maruípe foi pacífica, e não houve confronto entre moradores e PMs, que permaneceram na frente do cemitério e na base dos morros.

Entretanto, enquanto seguiam em direção ao túmulo de Wedeson, os familiares e amigos ainda



Wedeson foi morto na manhã de terça-feira

questionavam a ação policial que terminou na morte do jovem. “A população está revoltada. A polícia trabalha muito mal. Hoje

REVOLTA

“Peguei meu irmão nos meus braços e ele morreu. O moleque era o meu ídolo. Foi morto por um PM que era para fazer um serviço bem-feito no morro”

WESLEY MOREIRA
IRMÃO DE WEDESON

temos mais medo de um cara de farda do que de um bandido na rua”, disse o comerciante Andreoni Elias Silva, 33 anos.

Minutos antes de Wedeson ser enterrado, todos se reuniram em volta do túmulo e, chorando, rezaram novamente um pai-nosso. O irmão do jovem, Wesley Moreira de Souza, 19, chegou a ser amparado pela família. “Ontem (terça-feira) ele me deu um abraço tão forte que nem percebi que ele estava se despedindo de mim. Meu irmão morreu como um cachorro. Ele era o meu ídolo. Foi morto por um policial que era para estar fazendo serviço bem feito no morro”, disse Wesley, debruçado sobre o caixão.

Após o enterro, a mãe

de Wedeson, Adilza Moreira de Souza, 36, ainda afirmou que quer justiça. “Eu vou correr atrás de justiça”, desabafou.

A morte de Wedeson aconteceu na manhã de terça-feira. Os moradores reclamam da abordagem da PM, e familiares afirmam que o jovem foi morto enquanto ia comprar pão. Já a PM conta que Wedeson reagiu à voz de prisão durante uma abordagem. Ele teria entrado em luta corporal com um dos policiais e tentado tomar a arma do PM. Durante o embate, ele foi baleado na barriga.

Tropa de choque para evitar confronto

O batalhão de choque da Polícia Militar fez um cerco na porta do cemitério de Maruípe, em Vitória, na manhã de ontem, onde aconteceu o enterro de Wedeson Souza Pereira, de 16 anos. O objetivo foi impedir possíveis atos de vandalismo de amigos e moradores do Bairro da Penha, em Vitória, revoltados com a morte do garoto pela polícia.

O 1º Batalhão da Polícia Militar deslocou duas viaturas convencionais e três do Grupo de Apoio Operacional (GAO). Dez poli-



Batalhão de choque foi ao cemitério de Maruípe

ciais ficaram em uma barreira com escudos, aguardando a saída dos familiares e amigos do cemitério. Não houve confronto, e a

saída foi tranquila. Os policiais acompanharam os jovens até a subida do morro do Bairro da Penha. (Kaique Dias)

Policiais envolvidos em morte são transferidos pela corporação

Por questão de segurança, a Polícia Militar decidiu remanejar os dois policiais envolvidos na morte do adolescente Wedeson de Souza, de 16 anos, no Bairro da Penha.

De acordo com a PM, “em razão do episódio, o comando da unidade remanejará os policiais que passarão a atuar em outros bairros atendidos pelo 1º Batalhão”.

Os dois militares contaram, em depoimento, que agiram por legítima defe-

sa. Eles disseram que faziam patrulhamento na região quando viram três jovens com drogas. Um deles teria fugido e dois partiram para cima de um dos soldados.

Houve luta corporal e o PM alegou que atirou para evitar que tivesse a arma roubada por Wedeson, acertando o menor.

EXPECTATIVA

O líder comunitário do Bairro da Penha, Sandro Rosa, disse que espera a

confirmação da inocência do adolescente morto numa ação policial.

“A gente acredita no trabalho da PM, que tem uma corregedoria muito boa e vai apurar os fatos. Queremos a verdade. Não estamos aqui para incriminar a polícia, que faz um ótimo trabalho. Estamos há três anos sem violência na comunidade, mas um fato isolado aconteceu. Então a gente precisa da verificação desse fato”, disse. (Eli Carvalho)